

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO  
15 e 17 de Setembro de 2026

# KUNDUN / 1997

*Kundun*

## Um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / Argumento: Melissa Mathison / Direcção de Fotografia: Roger Deakins / Direcção Artística e Guarda-Roupa: Dante Ferretti / Cenários: Francesca Lo Schiavo / Música: Philip Glass / Som: Clive Winter e Philip Stockton / Montagem: Thelma Schoonmaker / Interpretação: Tenzin Thuthob Tsarong (Dalai Lama, adulto), Gyurme Thetong (Dalai Lama aos 12 anos), Tulku Jamyang Kunga Tenzin (Dalai Lama aos 5 anos), Tenzin Yeshe Paichang (Dalai Lama aos 2 anos), Tencho Gyalpo (a mãe), Tenzin Topjar (Lobsang, entre os 5 e 10 anos), Tsewang Migyur Khangsar (o pai), Tenzin Lodoe (Takster), Tsering Lhamo (Tsering Dolma), Geshe Yeshe Gyatso (Lama de Sera), Lobsang Gyatso (o mensageiro), Sonam Phuntsok (Reting Rinpoche), Gyatso Lukhang ("lord Chamberlain"), Tsewang Jigme Tsarong (Taktra Rinpoche), Jamyang Tenzin (Norbu), Bem Wang (General Chang-Chin Wu), Henry Yuk (General Tan), Robert Lin (Mao Tse-Tung), Vyas Anantharishnan (o soldado indiano), etc.

Produção: Touchstone Pictures / Produtora: Barbara De Fina / Produtora Executiva: Laura Fattori / Cópia: em 35mm, colorida, versão original com legendas em português / Duração: 133 minutos / Estreia em Portugal: Alfa, Amoreiras, Mundial, Quarteto e Colombo (Lisboa), a 6 de Março de 1998.

---

**Kundun** é o filme que, em toda a obra de Scorsese, mais desconcerto terá provocado nos seus admiradores, assim como aquele que mais "munição" terá dado aos seus detractores. Nem mesmo **The Last Temptation of Christ**, que muitos têm, por razões óbvias, aproximado deste filme, provocou tanta discussão: afinal o catolicismo atormentado e as personagens crísticas estavam há muito no cerne da obra de Scorsese, pelo que o efeito de estranheza não durava senão alguns instantes. Mas **Kundun** não deixou de suscitar imensas reservas mesmo antes de ser visto: que fazia Scorsese, cineasta de Nova Iorque, das neuroses urbanas e da Máfia, às voltas com a história do Tibete e do Dalai Lama? Que teria dado ao frenético e crispado Scorsese para ir filmar monges e fazer a apologia de uma filosofia baseada na não-violência e na passividade? Perguntas que, mesmo tendo ficado sem resposta cabal, fizeram com que o filme fosse visto, depois de estreado, como confirmação da "falta de sentido" que se lhe admirava. Aqui, como razão passível de explicar as reacções de tanta gente insuspeita de "anti-scorseseanismo primário" (e também como razão para acreditar que ainda vão ser precisos alguns anos e alguns filmes para que se aclare o verdadeiro lugar de **Kundun**

na obra de Scorsese) entra em cena um efeito perverso do autorismo, aquele que tende a negar e a recusar qualquer filme que não se enquadre na grelha pré-concebida que enforma o olhar sobre a obra de determinado realizador. Isto tem os seus riscos, ainda mais quando, como é o caso, se trata de um cineasta ainda em actividade: muito simplesmente, não sabemos o que vai Scorsese fazer a seguir, e não podemos imaginar até que ponto **Kundun** vais ser importante para isso – de resto, veja-se como **Goodfellas**, tido inicialmente como um exercício menor, acabou por ser revalorizado quando foram apercebidas, anos mais tarde, as relações intrínsecas que mantinha com **Casino**. Podiam-se ir buscar muitos outros casos na história do cinema (as primeiras reacções à obra americana de Lang, por exemplo), mas com Scorsese já devíamos estar avisados: em **Kundun**, a estrita obediência a critérios autorísticos é chave que fecha em vez de abrir.

Posto isto, como olhar, então para **Kundun**? Como um musical, por exemplo, um dos melhores e mais abstractos que os últimos (muitos) anos deram a ver. Repare-se como a estrutura narrativa do filme – com o seu lado “episódico” que tantas dúvidas suscitou – possui, na sua construção formal, um ritmo absolutamente consistente, feito de repetições, rimas e “leit-motivs”, em directa articulação com o (por vezes prodigioso) tratamento especial, visual e cromático de Martin Scorsese. E repare-se ainda no modo como esse ritmo narrativo mantém complexíssimas relações com a música de Philip Glass (pense-se dela o que se quiser pensar, não nos esqueçamos que ela é acima de tudo matéria a trabalhar), envolvendo-se mutualmente num movimento de fluxos e refluxos, como se ambas as coisas se subjugassem e submetessem uma à outra, em simultâneo. Note-se também como esta construção musical da narrativa (ou seja, uma construção que se desenvolve no tempo e não no espaço) acaba por corresponder, de modo absolutamente expressivo, à inexorável trajectória em frente do protagonista, salientando o facto de se tratar de alguém que não escolheu, antes foi escolhido e aceitou essa escolha. E a este propósito é curioso verificar que Scorsese trata o Dalai Lama (todas as sequências da infância e juventude vão por aí) não como um corpo habitado pela divindade mas antes como alguém forçado a habitar o próprio corpo dessa divindade – todo o “pathos” da personagem surge por esse pormenor.

**Kundun** é música e pintura, numa fusão que só (de vez em quando) o cinema pode fazer. E tem, num dos momentos culminantes dessa fusão, o plano espantoso do sonho do Dalai Lama, quando acorda por entre milhares de monges estraçalhados – um caleidoscópio digno de Busby Berkeley, se Berkeley se tivesse lembrado de coreografar mortos.

Luís Miguel Oliveira